



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
COORDENAÇÃO DE LETRAS

FRANCISCA AYANNE ALVES MARINHEIRO

**CONTOS CONSERVADORES, VIRTUOSOS E PÁTRIOS: UMA VISÃO SOBRE A
CONTRIBUIÇÃO DE OLAVO BILAC EM CONTOS PÁTRIOS EM PROL DA
EDUCAÇÃO REPUBLICANA BRASILEIRA**

PICOS

2019

FRANCISCA AYANNE ALVES MARINHEIRO

**CONTOS CONSERVADORES, VIRTUOSOS E PÁTRIOS: UMA VISÃO SOBRE A
CONTRIBUIÇÃO DE OLAVO BILAC EM CONTOS PÁTRIOS EM PROL DA
EDUCAÇÃO REPUBLICANA BRASILEIRA**

Artigo apresentado ao Curso de Letras Português da Universidade Federal do Piauí (UFPI), *Campus* Senador Helvídio Nunes de Barros, como requisito parcial para obtenção do título de Graduado em Letras.

Orientadora: **Prof^a. Dra. Cristiane Feitosa Pinheiro**

PICOS

2019

FICHA CATALOGRÁFICA
Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí
Biblioteca José Albano de Macêdo

M337c Marinheiro, Francisca Ayanne Alves.

Contos conservadores, virtuosos e pátrios: uma visão sobre a contribuição de Olavo Bilac em contos pátrios em prol da educação republicana brasileira. / Francisca Ayanne Alves Marinheiro. -- Picos,PI, 2019.

36 f.

CD-ROM: 4 ¾ pol.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em Letras Português) – Universidade Federal do Piauí, Picos, 2019.

“Orientador(A): Profa. Dra. Cristiane Feitosa Pinheiro.”

1. Contos Pátrios (Literatura). 2. Olavo Bilac. 3. Conservadorismo - Educação. I. Título.

CDD 869.109

Elaborada por Rafael Gomes de Sousa CRB 3/1163

FRANCISCA AYANNE ALVES MARINHEIRO

**CONTOS CONSERVADORES, VIRTUOSOS E PÁTRIOS: UMA
VISÃO SOBRE A CONTRIBUIÇÃO DE OLAVO BILAC EM
CONTOS PÁTRIOS EM PROL DA EDUCAÇÃO REPUBLICANA
BRASILEIRA**


Artigo apresentado ao Curso de Letras
Português da Universidade Federal do Piauí
(UFPI), *Campus* Senador Helvídio Nunes de
Barros, como requisito parcial para obtenção
do título de Graduado em Letras.

Aprovado em 07 de Junho de 2019.

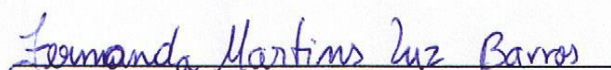
Banca Examinadora:



Prof^a Dr^a Cristiane Feitosa Pinheiro (UFPI)
(Orientadora)



Prof^o Dr. Welbert Feitosa Pinheiro (UFPI)
(Examinador)



Prof^a Ma. Fernanda Martins Luz Barros
(Examinador)

CONTOS CONSERVADORES, VIRTUOSOS E PÁTRIOS: UMA VISÃO SOBRE A CONTRIBUIÇÃO DE OLAVO BILAC EM *CONTOS PÁTRIOS* EM PROL DA EDUCAÇÃO REPUBLICANA BRASILEIRA¹

FRANCISCA AYANNE ALVES MARINHEIRO²

CRISTIANE FEITOSA PINHEIRO³

Resumo

Discutiu-se nessa pesquisa o projeto educacional de Olavo Bilac, através de um estudo bibliográfico efetuado na obra *Contos Pátrios* a partir do conservadorismo baseado nos conceitos de família, religião, trabalho, militarismo, solidariedade, fronteiras e vínculos afetivos, para a formação de uma nação forte e bem-sucedida. E das virtudes: compaixão, disciplina, perseverança, responsabilidade, honestidade, coragem, amizade, lealdade e fé. Para isso, utilizou-se do método de pesquisa mapa conceitual da obra literária, frisando somente a contribuição de Bilac para o livro, que corresponde aos contos *Mãe Maria*, *Um homem*, *O Cabeça de Ferro*, *O recruta*, *O velho Rei*, *A defesa*, *A borboleta negra*, *O bandeirante* e *A Civilização*. Pois nesses, observou-se uma carga mais expressiva do conservadorismo e das virtudes como forma de material educacional infantil. Utilizou-se para a fundamentação teórica autores como Bosi (2015), Bilac (1931) e (1917), Burke (2014), Hansen (2007) e (2011), Bueno (1996) Scruton (2015a, 2015b), Aristóteles (1991) dentre outros. Desse modo, a pesquisa visou mostrar o papel relevante da literatura como suporte de um projeto educacional.

Palavras-chave: Olavo Bilac. Contos Pátrios. Conservadorismo. Virtudes. Projeto educacional.

Abstract

In this research we discussed the educational project of Olavo Bilac, through a bibliographical study carried out in the work *Patriotic Tales* from conservatism based on the concepts of family, religion, work, militarism, solidarity, frontiers and Affective bonds, for the formation of a strong and successful nation. And of the virtues: compassion, discipline, perseverance, responsibility, honesty, courage, friendship, loyalty and faith. For this, we used the map-conceptual research method of the literary work, stressing only the contribution of Bilac to the book, which corresponds

¹ Artigo apresentado ao curso de Licenciatura em Letras/Português da Universidade Federal do Piauí (UFPI), *Campus* Senador Helvídio Nunes de Barros, como requisito parcial para aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II.

² Aluna regularmente matriculada no curso de Licenciatura em Letras/Português da Universidade Federal do Piauí (UFPI), *Campus* Senador Helvídio Nunes de Barros. E-mail: ayannealves@hotmail.com

³ Doutora em Educação pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Professora Adjunto da UFPI – *Campus* Senador Helvídio Nunes de Barros, Picos – PI. E-mail: cristianeufpi@gmail.com

to the Tales tales Mother Mary, A Man, the Iron Head, The Recruit, The old King, The Defense, The black butterfly, the bandeirante and Civilization. For these, there was a more expressive burden of conservatism and virtues as a form of child educational material. It was utilise for the theoretical foundation during this research journey authors such as Bosi (2015), Bilac (1931) and (1917), Burke (2014), Hansen (2007) and (2011), Bueno (1996) Scruton (2015a, 2015b), Aristotle (1991) among others. Thus, the research aimed to show the relevant role of the literature as a support of an educational project.

Keywords: Olavo Bilac. Patriotic Tales. Conservatism. Virtues. Educational project..

Introdução

A obra *Contos Pátrios* mostrou-se como um instrumento didático para a formação das crianças leitoras da Primeira República brasileira. Sendo parte do projeto educacional de Olavo Bilac, nela observou-se que os seus contos são de caráter patriótico e moralizante, de modo que seus conteúdos podem influenciar a mentalidade infantil a seguirem seus ensinamentos.

Desse modo, a presente pesquisa visa responder o seguinte questionamento: **como Olavo Bilac pensou construir a mentalidade e a moral do homem republicano brasileiro através do livro *Contos Pátrios*, direcionado ao público infantil – futuros homens da nação brasileira?** Procurando entender de que formas esses contos podem ser vistos como parte de um projeto educativo nacional voltado para o homem republicano.

Respondendo a essa questão, pretendeu-se mostrar que através da literatura pode-se educar uma nação virtuosa. Desse modo objetivou-se, primeiramente, analisar a obra *Contos Pátrios* de Olavo Bilac e Coelho Neto, frisando somente na contribuição de Bilac para a narrativa literária e verificar os “comos” e os “porquês” da construção textual bilaqueana para se atingir a formação de uma mentalidade conservadora e virtuosa do homem republicano brasileiro. E, assim, apresentar a relação do projeto de educação da moral conservadora e virtuosa das crianças brasileiras e o conteúdo dos contos.

Adotou-se como *corpus* de análise, porém, os contos *Mãe Maria*, *Um homem*, *O Cabeça de Ferro*, *O recruta*, *O velho Rei*, *A defesa*, *A borboleta negra*, *O bandeirante* e *A Civilização*, pois, nesses contos, foi notada maior carga de virtudes e ideais conservadores que abordam a tematização de uma formação moral e educacional do homem republicano.

Como base teórica, adotou-se a perspectiva conceitual do conservadorismo de Roger Scruton (2015a e 2015b) e da discussão sobre virtude, de Aristóteles (1991).

Num primeiro momento, fez-se uma breve explanação a respeito do autor – Olavo Bilac – enfatizando sua obra de cunho nacionalista/patriótico. E num próximo tópico falou-se do que é a teoria conservadora baseada nos conceitos de família, religião, militarismo, solidariedade, fronteiras e vínculos afetivos, para a formação de uma nação forte e bem-sucedida.

Posteriormente, discute-se a noção de virtude atentando-se para as seguintes virtudes: compaixão, disciplina, perseverança, responsabilidade, honestidade, coragem, amizade, lealdade e fé. E só mais à frente foi feita a análise da obra literária *Contos Pátrios* levando em consideração o conservadorismo e a noção ocidental de virtudes.

Para a realização da pesquisa, utilizou-se de métodos e técnicas próprios da pesquisa bibliográfica, mais precisamente foi a partir de um mapa conceitual, que se conseguiu categorizar os temas e subtemas de *Contos Pátrios*.

Desse modo, a pesquisa encaixa-se na categoria descritiva/explicativa e utiliza-se de autores como Bosi (2015), Bilac (1931) e (1917), Burke (2014), Hansen (2007) e (2011), Bueno (1996), Bíblia (1990), Locke (1998), Scruton (2015a, 2015b), Aristóteles (1991), Ferreira (2001) e Bennett (1993) para comprovação e afirmação da pesquisa.

Vale ressaltar que essa pesquisa é fruto de um projeto de Iniciação Científica Voluntário - ICV da Universidade Federal do Piauí (*Campus* Senador Helvídio Nunes de Barros) do curso de Letras que contempla não só *Contos Pátrios* (1931), como também *Poesias Infantis* (1904) e *Através do Brasil* (1923). Tem como título “A produção literária infantil de Olavo Bilac como projeto educativo nacional: O texto no contexto do livro de leitura escolar”, encaixa-se no subprojeto “*Contos Pátrios*, de Olavo Bilac e Coelho Neto: A narrativa como espaço de promoção da educação para o nacionalismo” e enquadra-se no campo dos estudos literários a partir de uma perspectiva histórica e educacional.

Com isso, pretendeu-se mostrar o papel relevante da literatura como suporte de um projeto educacional formador de homens virtuosos para a constituição da República, educando, através das narrativas e suas personagens, uma nação de caráter virtuosa e conservadora.

2 Método gráfico de pesquisa

A metodologia de pesquisa utilizada foi a leitura da obra, desse modo, trata-se de uma pesquisa qualitativa, pois busca-se atingir o aprofundamento da compreensão em torno do objeto pesquisado, assim como de cunho bibliográfico, uma vez que se fez o estudo usando resultados de pesquisas obtidas em teses, dissertações, artigos e livros sobre o tema geral eleito para, assim, apresentar o percurso do olhar da Crítica literária, da Sociologia e da História da Educação em torno dele.

E a partir desta leitura, houve a elaboração de um **mapa conceitual** a fim facilitar o acesso aos principais temas do texto, e assim conseguir localizar mais rápida e precisamente os tópicos/assuntos a serem estudados.

E o mapa conceitual é uma ferramenta didática que se utiliza de desenhos gráficos coloridos com o conteúdo disposto de forma hierarquizada, para melhor situar o pesquisador em seus estudos. Desse modo, é de acordo com o leitor elaborador do mapa que se cria um modelo a ser seguido na leitura da obra literária ficando a critério do autor o seu *layout*.

No presente mapa conceitual, os temas identificados como as raízes que dão sustentação ao texto são o nacionalismo, a formação moral pensada para o brasileiro republicano, a historicidade juntamente com a escravidão. No que tange a esta última, vale lembrar que em *Contos Pátrios* a escravidão é vista com repulsão. A obra ainda contempla a religiosidade, principalmente católica.

Desse modo, buscou-se contemplar cada grande categoria de análise no *corpus* textual no mapa conceitual (quadro 01). E, para facilitar o entendimento do quadro 01, os contos de Olavo Bilac e Coelho Neto foram agrupados, em um segundo quadro, que apresenta a distribuição dos contos por autores.

A seguir o mapa conceitual, e, posteriormente, o mapa da distribuição dos contos do livro por autor.

Quadro 01. Mapa Conceitual – *Contos Pátrios*, de Olavo Bilac e Coelho Neto

Diagnóstico dos contos em “Contos Pátrios” de Olavo Bilac e Coelho Neto									
Grandes categorias									
1 Nacionalismo		2 Formação moral			Escravidão (3) e Historicidade(4)			5 Religiosidade	
1 Enaltecimento da natureza	2 Patriotismo	1 Bravura	2 Ensinamento de que não se pode mentir	1 (3) Saudosismo	1 Realidade escolar das crianças da época	2 Mercado escravocrata	1 Enobrecimento da alma através da fé cristã	2 O costume desde criança de frequentar a missa aos domingos	
3 Vida sertaneja	3 Simplicidade	4 Bondade	4 Afabilidade	2 (3) Sabedoria de uma escrava mãe sendo repassa aos seus filhos; seja de criação ou biológico	2 O desbravamento dos sertões de Minas Gerais, feito por Fernão Dias Paes Leme em 1664	3 Encantamento	4 Lenda indígena		
4 As bondades que a civilização traz para o povo	5 Exaltação do trabalho agrícola	7 Ideia de que negros e brancos podem fazer parte da mesma família	8 Sabedoria ancia	3 (3) Sentimento materno mesmo sendo escrava	4 (3) A figura de um “pai negro” como disseminador da cultura	5 Ideia de que o perdão advém de um ser superior	7 Espiritualidade		
Militarismo	9 Perdão	10 Negação da vadiagem	11 Exaltação do trabalho como dignificação do homem	5 Abandono de incapaz, muito frequente na época, principalmente de praticado por mulheres negras que por causa da miséria não tinham condições de criar seus filhos	6 A autonomia e o poder de um sermo de Deus frente a maldade humana	7 Representação da figura angelical através da criança			
7 O medo da guerra sendo vencido pela honra de defender seu país	12 Respeito a velhice	13 Sensibilização da criança a respeito da escravidão e da miséria	15 Vida adulta precoce	6 Pobreza da população negra brasileira	7 Desumanização por parte dos poderosos da época	8 Representação da figura angelical através da criança			
8 O sentimento de nação sendo chegando ao ápice através do militarismo	14 A criança como um ser altamente moral	17 O sofrimento e a mendigues sendo vencidos pelo trabalho e pelos estudos							

Fonte. Quadro elaborado pela pesquisadora

Quadro 02. Contos com suas numerações para melhor compreensão do mapa conceitual

Disposição dos contos com seus respectivos autores e numerações para melhor endereçar as temáticas gerais e as específicas	
A fronteira (Coelho Neto) 1.1; 1.2; 2.1	A borboleta negra (Olavo Bilac) 2.4; 5.2; 4.5
Mãe Maria (Olavo Bilac) 3; 2.2; 2.15	O pároco - Conto de Natal (Coelho Neto) 5.7
Um homem (Olavo Bilac) 2.15	Sumé - Lenda dos tamoios (Olavo Bilac) 5.4
A partilha (Coelho Neto) 2.13; 4.6	O tesouro (Coelho Neto) 2.11; 1.5; 2.11
O “Cabeça de Ferro” (Olavo Bilac) 5.6; 4.3; 4.6	O “perna de pau” (Coelho Neto) 2.8; 1.6; 2.1; 2.4; 2.6
A Pátria (Olavo Bilac) 1	Pátria nova (Olavo Bilac) 1; 5.6
O “rato” (Coelho Neto) 2.17;	O ambicioso (Coelho Neto) 1.5
O recruta (Olavo Bilac) 1	O lenhador (Coelho Neto) 1.5
O velho Rei (Olavo Bilac) 2.16; 2.14	Uma vida (Olavo Bilac) 2.3; 2.8; 2.11; 2.6; 2.12; 3.4;
O mentiroso (Coelho Neto) 2.2	Quem tudo quer, tudo perde (Coelho Neto) 2.10; 2.11
A defesa (Olavo Bilac) 1	A Civilização (Olavo Bilac) 1.2; 1.4; 2.1

Fonte. Quadro elaborado pela pesquisadora

A numeração feita em cada secção serviu para identificar, nos contos, suas principais características, sendo organizados da seguinte forma: colocou-se o título de cada conto e, logo em seguida, a temática que os informava. Organizou-se, a princípio, a estruturação do mapa em grande área, subáreas, todas numeradas, e um resumo do conteúdo de cada conto. Para finalizar, optou-se deixar o mapa conceitual composto apenas pela área temática geral, as subáreas temáticas e, logo em seguida, um quadro com os títulos dos contos, a numeração correspondente, a temática geral e a específica.

3 Um pouco sobre Olavo Bilac

Antes de analisar a obra pesquisada, é interessante focar um pouco sobre a figura de Olavo Bilac, enfatizando principalmente a sua vertente patriótica. E, então, concentrar a abordagem da análise no sentido da educação proposta por ele em seus textos alicerçados no conservadorismo e as virtudes.

Dito isso, veja-se uma pequena biografia do autor de *Contos Pátrios* inclinada a sua poética de cunho patriótico. Olavo Bilac tanto foi um literato preocupado com o lirismo presente em sua obra como também se preocupou com a mensagem a ser repassada através dela. Segundo Bosi (2015, p. 242) o artista “supre a carência de uma real fantasia artística e de um sentimento fundo da condição humana com

intenso brilho descritivo, que conserva graças a um jogo hábil de sensações e impressões”.

Parnasiano e sendo um dos principais representantes do movimento dentro da literatura brasileira, tinha como intuito a perfeição do seu trabalho, ao buscar palavras raras, rimas ricas e rigidez das regras da composição poética, preocupava-se sempre com a objetividade dos temas que abordava e com a forma que empregava em seus textos.

Boa parte dos seus textos tem como tema a beleza física da mulher. Outro tema bem explorado pelo literato são os cenários, esses temas ganham relevância na sua poética, justamente devido ao seu “intenso brilho descritivo”, o que trouxe a ele leitores assíduos interessados majoritariamente nos pormenores da poesia, elementos que dão um requinte a mais na poética bilaqueana. Ainda de acordo com Bosi (2015, p. 242-243),

do ponto de vista ideológico, foi o poeta que melhor exprimiu as tendências conservadoras vigentes depois do interregno florianista. À política renovadora que animara alguns fautores da República seguiu-se um meufanismo estático e vazio, amante da tradição pela tradição considerada em si mesma como beleza. Bilac, [...] será também o cantor cívico da bandeira, das armas nacionais e o didata hosanamente das *Poesias Infantis*.

Pode-se perceber que Olavo Bilac dedicou parte de seu trabalho para a questão do **nacionalismo** e da **educação do homem** para a República, sendo *Através do Brasil* (1923) o seu livro com maior destaque nesse tema, porém ele não escreveu somente este, escreveu também *Poesias Infantis* (1904) e *Contos Pátrios* (1931).

Portanto, como afirma Bueno (1996, p.9), “poucas figuras da vida mental brasileira [...] tiveram uma projeção consensual, formadora de opinião e de mentalidade, comparável à de Olavo Bilac”, pois além de poeta com um grande público leitor, ele ainda era jornalista, o precursor e autor das poesias infantis da época, e defensor de uma educação pública e da obrigatoriedade do serviço militar.

4 O Conservadorismo Ocidental

O conservadorismo procura compreender as sociedades, diferentemente do que os revolucionários pregam, ele não pretende “encaixotar” as sociedades em um único pensamento, mas sim, entendê-las e através da compreensão deseja proporcionar a elas a sua melhor versão, tornando-as bem-sucedidas.

Em vista disso, ele busca diversos meios para o cumprimento de seu fim, sem a intenção de moldar o ser humano num padrão de racionalidade, mas sim dispor para a humanidade os subsídios necessários para que ela se torne cada vez melhor para a convivência entre seus participantes, instigando neles a boa vontade e o desejo da permanência da paz.

O meio mais plausível para que se atinja esse objetivo é com a livre escolha e associação dos cidadãos, onde o papel do Estado, conforme defende Scruton (2015a, p.152), “é, ou deveria ser, menor do que aquele que os socialistas exigem e maior do que os liberais clássicos permitem. O Estado tem uma finalidade, que é proteger a sociedade civil dos inimigos externos e das desordens internas”, funcionando como mediador para assegurar a liberdade das pessoas em buscar seus próprios objetivos, levando em consideração o compromisso, a responsabilidade e o respeito mútuo.

Scruton (2015a, p.31), baseado no pensamento do economista e filósofo britânico Adam Smith, enfatiza que a confiança, a responsabilidade e o compromisso “só existem em uma sociedade que os respeita e apenas onde é permitido amadurecer o fruto espontâneo da solidariedade humana. É onde a solidariedade, o dever e a virtude alcançam o lugar apropriado, guiados pelo interesse individual”.

É, portanto, partindo do interesse individual de cada um que os conservadores pensam uma sociedade bem-sucedida. Lembrando que esses interesses individuais culminam para um todo – os interesses da nação - e se eles não são a favor do bem nacional, no sentido de edificar a sociedade, acontece um exercício de autossacrifício, em prol de um bem maior – a paz, em outras palavras, é de baixo para cima, da parte para o todo, que ocorrem as formações sociais e não uma imposição estatal.

Ao se falar de nação, primeiro toma-se por base o significado literal da palavra que é “1. Agrupamento de seres, geralmente fixos num território, ligados pela origem, tradições, costumes, etc., e, em geral por uma língua; povo. 2. País. 3. Povo dum território organizado politicamente sob um único governo.”, no dizer de Ferreira (2001, p. 479).

Isso é, justamente, o que o conservadorismo defende, a população organizada consensualmente em prol da paz e da defesa de um território. E, por falar em território, vale lembrar que é preciso delimitar um espaço para que esse povo possa usufruir e zelar por ele, criando leis que assegurem a liberdade dos que ali vivem.

Bem como a sua segurança, podendo observar uma pré-formação de um Estado Democrático de Direito, Estado por estar em um terreno ou terra, democrático por motivo daquele povo poder participar das deliberações e de direito por razão dos habitantes poderem ter os mesmos direitos, usufruindo de forma igualitária.

As **fronteiras** são, na visão conservadora, pré-requisitos para a existência da democracia, visto que são necessárias para a manutenção da ordem populacional. As leis que ali pairam não podem ser ideológicas ou religiosas a fim de respeitar e proteger a oposição. Assim como afirma Scruton (2015a, p. 45):

É porque somos capazes de definir a nossa condição de membro de uma sociedade em termos territoriais que, nos países Ocidentais, desfrutamos das liberdades elementares que são, para nós, o fundamento da ordem política. Nos países baseados em obediência religiosa, e não secular, a liberdade de consciência é um ativo escasso e ameaçado.

Desse modo, os conservadores aludem para o principio dos direitos e deveres mútuos, a fim de assegurar a cada cidadão o respeito entre si e a autoconsciência, é através desta que as pessoas conseguem identificar os seus valores intrínsecos que surgem a partir da cooperação social e, ao respeitar essas características, consegue-se atingir a liberdade, aqui também ocorre a construção dos **vínculos afetivos**.

Os direitos de uns tornam-se os deveres de outros. É importante salientar que aqui ter direito não significa fazer o que quiser sem se preocupar com as consequências, porque, como supracitado, a bilateralidade de deveres e direitos é

imposta a cada indivíduo, respeitando os limites adotados e posteriormente positivados pelo povo de tal território.

É a partir desses vínculos afetivos que se configuram a política de permanência dos valores alcançados que trazem consigo autoridade, sentimento de pertença e paz, e é por meio da afetividade que acontece a tessitura dos costumes, das crenças e da cultura de uma sociedade.

O respeito mútuo surge aqui também, pois a **amizade** é um dos alicerces para a construção de uma comunidade efetivamente bem-sucedida, essa amizade deve ser organizada de forma que tanto os cidadãos quanto o Estado como um todo conversem entre si, criando um vínculo de afetividade democrático onde todos têm voz.

Quando se fala em vínculo de afetividade, não se refere somente aos seres vivos contemporâneos, mas sim considerar os mortos, os vivos e os que estão por vir. Assim como Burke (2014, p.115) em suas “Reflexões sobre a Revolução na França” descreveu a sociedade como uma associação entre eles – mortos, vivos e nascituros, pois

O Estado é uma associação que participa de todas as ciências, todas as artes, todas as virtudes e todas as perfeições. Como os fins dessa associação não podem ser obtidos em muitas gerações, torna-se uma parceria não só entre os vivos, mas também entre os mortos e os que hão de nascer.

Ou seja, respeitar o legado deixado pelos antepassados, logicamente, filtrando com cautela o que há de bom nessa herança e construindo a partir dessa mais outro legado para os futuros cidadãos, como uma corrente de doação e recebimento das boas ações, em um sistema de lealdade e compromisso que só existe numa engenharia construída de baixo para cima. Para Scruton (2015a, p. 41):

O conservadorismo é a filosofia do vínculo afetivo. Estamos sentimentalmente ligados às coisas que amamos e que desejamos proteger contra a decadência. Sabemos, contudo, que tais coisas não podem durar para sempre. Enquanto isso, devemos estudar os modos pelos quais podemos conservá-las durante todas as mudanças pelas quais devem inevitavelmente passar, de modo que nossas vidas continuem sendo vividas em um espírito de boa vontade e de gratidão.

Falando em afetividade e valores, toma-se agora outro ponto para discussão – a **religião** ou **religiosidade**. Sabe-se que um dos princípios das sociedades democráticas é que elas sejam laicas, a fim, justamente, de poder abranger um número maior de pessoas e que elas tenham sua liberdade de escolha e de qualquer outra coisa, preservada.

Sabe-se também que as Igrejas são uma das maiores intuições que disseminam valores e tradições, feitos e aceitos pela população, portanto deve-se conservá-los, pois alguns deles, querendo ou não, fazem parte da herança secular, tendo em vista que são boas maneiras de convivência para a estabilização da paz.

As Igrejas criam uma esfera de valor e de autoridade fora do alcance do Estado, mesmo sendo uma instituição pública, onde deve viver em harmonia e respeito entre os participantes da sociedade, não se está dizendo que uma sociedade conservadora deva seguir apenas uma religião.

Constata-se, porém, que a Igreja, enquanto instituição, empresta boa parte dos seus ensinamentos e dogmas para as leis seculares e, na maioria, baseadas nas tradições judaico-cristãs. Como afirma Scruton (2015a, p. 155-156),

a religião desempenha um papel inegável na vida da sociedade, introduzindo as ideias do sagrado e do transcendental que espriam influência em todos os costumes e cerimônias associativas. A obediência religiosa, no entanto, não é um elemento necessário da cidadania e, em qualquer conflito, são os deveres do cidadão, não os do crente, que devem prevalecer. Essa é uma das conquistas da civilização cristã, ter se mantido fiel à visão cristã do destino humano ao mesmo tempo que reconhece a prioridade da lei secular. Isso não foi conquistado sem um conflito intenso e um reconhecimento lento, estável, de que a sociedade poderia ser fundada nos deveres da boa vizinhança e, mesmo assim, permitir a diferenciação da fé. A conquista da civilização cristã é ter dotado as instituições de autoridade religiosa sem exigir-lhes uma obediência religiosa, em oposição à secular. [...] as leis que nos governam não exigem o tipo de submissão coletiva desejada pelos islamistas e a ordem secular pode encarregar-se dos acordos mútuos dos quais todos dependemos para sobreviver.

Vê-se isso, justamente, no livro do apóstolo Marcos, capítulo 12, versículo 31 (Bíblia Sagrada, 1990, p.1240) segundo mandamento de Jesus: “amai ao próximo como a ti mesmo”, esse mandamento traz o sentimento de reciprocidade e respeito uns pelos outros. Isso não exige que o homem seja submisso à religião. Portanto, o

ensinamento de Cristo não pressupõe submissão religiosa, mas sim que o ser humano seja dotado de virtudes.

Antes de adentrar no assunto da religiosidade, comentou-se sobre a afetividade e é a partir desse ponto que será tratado agora de outro pilar da visão conservadora ocidental, a saber, a **família**. Ela é praticamente a base de toda a visão conservadora acerca da sociedade.

Pensando a sociedade como uma grande família reunida em torno da mesa de jantar, conversando entre si, existe ali uma figura mediadora que fará o papel do “Estado”, enquanto os seus membros decidem democraticamente o que é melhor para cada um deles dentro da instituição familiar.

Essa instituição familiar não pode ser visualizada como um contrato social assim como descreve John Locke (1632-1704) na obra "Dois Tratados sobre o Governo" (1998), pois não se escolhe a origem e, ainda quando crianças, recebe-se influência dos pais. Querendo ou não, o homem é fruto da educação recebida pelos pais. Tendo em vista que o nosso intelecto se desenvolve pelas condutas internalizadas, de acordo com normas e limites, bem como recompensas impostas por nossos pais. Conforme Scruton (2015b, p. 70-71),

desde o início fica claro que uma criança deve ser influenciada pelo poder de seus pais: seu amor por eles conceder-lhes-á esse poder, e os pais, mesmo quando permissivos, não se evadem de seu exercício, assim como um oficial não deixa de comandar suas tropas quando permite que essas fiquem constantemente à vontade. Uma criança é o que é em virtude da vontade de seus pais e, conseqüentemente, eles têm a obrigação inalienável de formá-la e de influenciar o desenvolvimento dela.

Esse pensamento mantém franca relação com a mentalidade de Olavo Bilac (1917, p. 36), quando diz que “o homem é filho da criança” sobre isso HANSEN (2007, p. 186) clareia essa ideia dizendo que “na alma da criança devem ser regadas as boas ações, que florescerão na mocidade e frutificarão na idade madura”.

Os pais exercem sobre os filhos uma relação de poder desde a infância e “o reconhecimento informe da criança de sua impotência em relação a pelo menos um outro ser - aliada à crescente consciência de que o poder desse ser é também um exercício de liberdade”, conforme defende Scruton (2015b, p. 71).

Dentro dessa perspectiva conservadora, cabe frisar a questão do **trabalho** que é um dos pilares de sustentação da obra *Contos Pátrios*, de Olavo Bilac. Para os conservadores, o trabalho é uma forma na qual o homem encontra a satisfação de sentir-se útil, tanto social quanto individualmente e que através do labor se atinge a dignidade e a honradez.

Ele não deve ser visto somente como um meio, isto é, apenas como uma esfera de auxílio para adquirir ou atingir um fim, mas sim deve ser tido como fim em si mesmo, como uma forma prazerosa e de contentamento e que levará também à edificação de quem o faz. Assim, como afirma Scruton (2015a, p. 144), o trabalho “deve ser tanto uma ação para o reconhecimento quanto uma manifestação de liberdade. Nem no trabalho, nem nos divertimentos deveríamos ser ‘apenas sérios’”.

Pois a vida humana deve ser dotada tanto das atitudes intencionais quanto das despreziosas e, para que essa vida seja bem-sucedida, existe o pré-requisito de que o trabalho seja um misto de atividades intencionais e “despreziosas”, pois só assim ele é tido como uma esfera de valor intrínseco.

Todas essas características de afetividade, direitos e deveres, responsabilidade, respeito, valores intrínsecos em prol de uma cooperação social estão definitivamente enraizados para a construção de uma mentalidade nacional forte. E é assim com base nas virtudes e na boa convivência que o conservadorismo pensa a sociedade.

5 Um Ocidente virtuoso

Necessário entender qual a noção que o ocidental tem sobre virtudes, abordando as seguintes temáticas virtuosas: compaixão, disciplina, perseverança, responsabilidade, honestidade, coragem, amizade, lealdade e fé. Tópicos esses são abordados nos contos do livro *Contos Pátrios* que serão analisados mais à frente.

Partindo da discussão do que seria virtude no contexto ocidental que tem por base cultural o mundo greco-romano e a civilização judaico-cristã. Por que frisar o Ocidente? Porque o Oriente tem costumes e crenças que são contraditórias ao que é pregado no Ocidente e, conseqüentemente, ambos têm a visão conflitante do que seria virtude.

Nesse caso tomar-se-á a visão do Ocidental a respeito de virtude que é “1. Disposição firme e constante para a prática do bem. 2. Força moral., isso de acordo com Ferreira (2001, p. 713).

Aristóteles (1991, p.29) divide em dois eixos o entendimento de virtude humana: a **virtude intelectual** que se encarrega da sabedoria filosófica e prática e da compreensão, portanto, “gera-se. E cresce graças ao ensino — por isso requer experiência e tempo”, e a **virtude moral** encarregada da temperança, essa é “adquirida em resultado do hábito”.

Desse modo, as virtudes morais são consideradas ações habituais boas, tendo em vista que é através da constância na prática do bem que se torna um ser virtuoso, isto é, mediante a ação de certo ato repetidas vezes. Essas ações devem ser, segundo Aristóteles (1991, p.17), “aprazíveis em si mesmas. Mas são, além disso, boas e nobres”.

Tanto é que a falta de uma racionalidade prática, no campo da moral, pode ser resolvida com uma ética baseada nas virtudes que nada mais são do que um conjunto de bons hábitos praticados de forma perene, pois o desenvolvimento de qualquer virtude pressupõe um conjunto específico de hábitos e disposições.

O que faz lembrar das palavras de Bennett (1993, p.76) quando fala a respeito da compaixão:

como se pode cultivar a compaixão natural da criança? Histórias e provérbios úteis são inúmeros. O passo principal é impedir que a animosidade e o preconceito prejudiquem o crescimento natural da virtude. Os "ismos" sectários são os maiores obstáculos: racismo, sexismo e outros.

Isso leva a entender que é, juntamente, praticando a compaixão que se adquire-a e isso está não só no verbo mas também na contemplação. Entende-se aqui por compaixão o sentimento que modera o amor próprio do indivíduo e deixa o ser humano mais piedoso para com os outros seres e isso contribui para a preservação de toda a espécie. Pois é a compaixão que impulsiona o humano a levar alívio aos que sofrem.

E é, justamente, isso que Olavo Bilac oferece em *Contos Pátrios* a seus leitores: o não cultivo dos “ismos” sectários, fazendo com que a criança leitora de seus contos saia da leitura com o sentimento de bondade para com o próximo e trazendo esse sentimento, futuramente teríamos um país com menos preconceito e

discriminação, incumbindo às crianças a função de tornar a República brasileira virtuosa, desse modo, passando de um mero dogma para algo enraizado na história.

Necessário enfocar outra virtude, – a **disciplina** – a arte de ser discípulo de si mesmo objetivando um fim. Lembrando que a disciplina só funciona com outro tipo de virtude – a **perseverança**. E aqui fala-se de disciplina e perseverança para com a organização da própria alma humana na busca do equilíbrio.

Pois, a virtude da alma encontra-se no meio termo, ou seja, o homem para ser virtuoso deve, *a priori*, buscar através da disciplina e da perseverança um ponto de equilíbrio moral e de suas ações, onde os excessos e a mesquinhez não sejam o ponto de referência, mas sempre o meio-termo dos dois, buscado perene e perseverantemente através da disciplina no objetivo de ser temperante. E, segundo Aristóteles (1991, p.31), tornamo-nos temperantes abstendo-nos de prazeres, e é depois de nos tornarmos tais que somos mais capazes dessa abstenção.

Por falar em meio-termo fixa-se a seguinte visão de Aristóteles (1991, p.37) a respeito do assunto:

por meio-termo no objeto entendo aquilo que é equidistante de ambos os extremos, e que é um só e o mesmo para todos os homens; e por meio-termo relativamente a nós, o que não é nem demasiado nem demasiadamente pouco — e este não é um só e o mesmo para todos.

Aqui, percebe-se que o meio-termo não é um “local” estático onde o ser humano deve impreterivelmente fixar-se ali e que todos os seus semelhantes devem permanecer com ele sendo iguais em tudo, mas um ponto de equilíbrio da alma de cada ser.

Principalmente evitando os excessos, pois estes são mais difíceis de domá-los, tendo em vista que são os mais passíveis ao prazer e à emoção e, conseqüentemente, é o mais difícil de julgarmos com imparcialidade. Desse modo, deve-se sempre caminhar na direção oposta aos excessos e só assim encontra-se um ponto de estabilidade, sem, obviamente, chegar a outra extremidade.

Outra virtude que deve ser destaca é a ideia de **responsabilidade** como virtude moral, pois para que se consiga a virtuosidade do ser é indispensável que se tenha uma carga de responsabilidade. Entende-se que, de acordo com Bennett (1993, p.133), “ser “responsável” é “responder pelos próprios atos”, é corresponder”.

Nesse caso, para que se atinja um patamar de virtuosidade responsável é preciso que o ser humano pratique a ação, melhor dizendo, tenha o hábito de corresponder a seus feitos, pois de acordo com Aristóteles (1991, p.47) “é absurdo responsabilizar as circunstâncias exteriores e não a si mesmo, julgando-se facilmente arrastado” a praticar ações desprovidas de bondade ou virtuosidade, isso é o que configura-se um ser sem domínio próprio e sem caráter, portanto sem virtude.

E com essa afirmação de Aristóteles, abre-se espaço para mais uma virtude, a saber, a **honestidade**, pois quando o ser humano afirma ter sido “vítima” das circunstâncias que o levaram à prática de atos desprovidos de virtudes, ele passa a não ser honesto, isso porque a honestidade é característica de alguém honrado e íntegro, e como é absurda a ideia de responsabilizar as circunstâncias exteriores para justificar a prática dos vícios; esse ser passa a ter a alma desonesta, tendo em vista que cada pessoa se torna responsável por aquilo que cultiva.

A fim de fechar o leque de virtudes que foram analisadas no tópico dedicado à obra *Contos Pátrios*, veja-se a **fé**, uma vez que ela é, conforme Bennett (1993, p.451), “uma fonte de disciplina, força e poder na vida dos fiéis de qualquer credo religioso. É uma força poderosa na experiência humana. A fé compartilhada une as pessoas de uma maneira que não pode ser alcançada por outros meios”.

A fé é considerada uma virtude, assim como a caridade e a esperança pois essas virtudes são meios de se atingir a bondade e de ser bom de espírito. E a fé, torna-se contribuinte assídua da tessitura das ações do indivíduo. Ainda segundo Bennett (1993, p.451),

Um ser humano sem fé, sem reverência por qualquer coisa, está moralmente à deriva. Num mundo tão fragmentado e cheio de tristezas, a fé, em sua unidade e bondade subjacentes, é um apoio e um estímulo àqueles que trabalham na "superfície" da realidade-seja qual for a tradição religiosa-em busca de amor, alegria, paz, paciência, bondade, generosidade, confiança, gentileza e autocontrole.

Dito isso, postulou-se que foi partindo da teoria conservadora e das virtudes, que acabaram de serem faladas, que a obra *Contos Pátrios*, de Olavo Bilac foi analisada, pois nela percebeu-se que existe uma espécie de projeto educacional onde estão situadas ideias virtuosas e conservadoras.

6 Contos conservadores, virtuosos e pátrios

A obra *Contos Pátrios* foi escrita por Olavo Bilac e Coelho Neto, sendo o livro mais editado da vertente educacional de Olavo Bilac, chegando em 1968 a sua 50ª edição. Essa obra é composta por vinte e três contos indicados ao público infantil, onde treze desses contos foram assinados por Olavo Bilac e dez são de autoria de Coelho Neto. Os autores são, de acordo com Hansen (2011, p.59),

os fundadores da literatura infantil produzida no Brasil. Aqui considero literatura infantil de uma maneira assumidamente restrita e conservadora, como textos de caráter ficcional, escritos por adultos, intencionalmente para crianças.

Os contos contidos nessa obra estão dispostos no quadro 03 para melhor situar o objeto de pesquisa. Vale lembrar que o *corpus* do estudo está situado na contribuição de Olavo Bilac.

Quadro 03. Distribuição dos contos por autoria

Disposição dos contos em <i>Contos Pátrios</i> e seus respectivos autores	
Olavo Bilac	Coelho Neto
Mãe Maria	A fronteira
Um homem	A partilha
O "Cabeça de Ferro"	O "rato"
A Pátria	O mentiroso
O recruta	O pároco – Conto de Natal
O velho Rei	O tesouro
A defesa	O "perna de pau"
A borboleta negra	O ambicioso
O bandeirante	O lenhador
Sumé – Lenda dos tamoios	Quem tudo quer, tudo perde
Pátria nova	
Uma vida...	
A Civilização	

Fonte. Quadro elaborado pela pesquisadora

Como o próprio título indica, é uma coletânea de contos com caráter patrióticos que, de certo modo, influencia(ra)m as crianças da República no que diz respeito ao sentimento de nação, o amor pelo país, que idealizavam boa parte dos republicanos.

Tem-se contos que contemplam o militarismo como afirmação de um sentimento nacional, a disciplina, a religiosidade cristã, a bondade, a afetividade,

contempla também as questões da instituição familiar, a sabedoria presente nas personagens, a questão das fronteiras territoriais, a moralidade e a historicidade como forma de exemplo para as gerações futuras.

No que se refere à visão de Olavo Bilac em *Contos Pátrios*, sobre a questão do **militarismo** como afirmação do sentimento nacional, a partir do mapa conceitual, identificou-se os seguintes contos *O recruta*, *A fronteira*, *O perna de pau*, *A pátria* e *A defesa*.

Três dos cinco contos citados são de autoria de Olavo Bilac, observa-se assim que é um número significativo de contos em um só volume levando em consideração a quantidade total de contos do livro, portanto, os autores de *Contos Pátrios* compartilham da mesma visão conservadora defendida por Scruton (2015a, p. 147), quando diz:

As sociedades só podem sobreviver a uma grande crise se puderem contar com uma fonte de sentimento patriótico. Onde falta esse senso, a ordem social rui diante do primeiro ataque e as pessoas lutam para garantir a própria segurança, independentemente de seus semelhantes. [...] É a partir dessa consciência que os conservadores sempre têm enfatizado a conexão entre uma nação e seu braço militar. O verdadeiro cidadão está pronto para o seu país nos momentos de necessidade e vê suas instituições militares como uma expressão de vínculo afetivo profundo que mantém as coisas em ordem.

Para fins da pesquisa, tomou-se como conto de análise *O recruta*, uma vez que a sua temática é praticamente a mesma dos demais identificados que tratam da exaltação do **militarismo**, para a construção de uma nação bem-sucedida, não por serem inexistentes os problemas em tal território, todavia pelo trabalho da sociedade a procura da plenitude da paz, zelando pelos bons costumes, mantendo sua liberdade e segurança sem alterações.

Esse conto contempla uma narrativa que dá ênfase ao **serviço militar obrigatório** que, de certo modo, no início não era bem visto por algumas personagens, mas como era obrigatório aceitavam o trabalho. Entretanto, ao chegarem ao quartel percebiam que é uma função essencial dentro da nação. Veja-se um trecho:

O dia chegou. O seu batalhão ia partir. Dia de sol. Ninguém reconheceria naquele esbelto moço que ali ia, marchando com garbo

entre os outros, o bisonho caipira, que tanta repugnância tinha outrora pelas coisas da guerra.

[...]

E, então, ali, a ideia sagrada da Pátria se apresentou, nítida e bela, diante da alma de Anselmo. E ele, compreendendo enfim que a sua vida valia menos que a honra da sua nação, pediu a Deus, com os olhos cheios de lágrimas, que o fizesse um dia morrer gloriosamente, abraçado às dobras daquela formosa bandeira, toda verde e dourada, verde como os campos, dourada como as madrugadas da sua terra. (BILAC, 1931, p.23-24).

Nesse trecho, observa-se também a postura conservadora do individual pelo coletivo, ou seja, a questão do **autossacrifício** em prol da Nação, onde os interesses individuais culminam para o bem do coletivo e, se esses interesses individuais vão na direção oposta ao bem nacional, o bom cidadão faz o exercício de sacrificar o seu ideal individual.

Isso foi, justamente, o que ocorreu com a personagem Anselmo, no conto *O recruta*, ele abandonou seu local de origem para servir a sua nação, como afirmação de uma **afetividade patriótica** que se torna superior ao seu amor próprio.

Fazendo de Anselmo um ser virtuoso, pois ele vai contra o seu desejo de permanecer na comodidade do seu lar visando, de acordo com Aristóteles (1991, p.28), a virtuosidade moral, “pois é ela que diz respeito às paixões e ações, nas quais existe excesso, carência e um meio-termo”, e ele saiu da sua zona de conforto em prol da estabilização da paz para o restante da população, uma dedicação honrosa para o conservadorismo, um ato de renúncia, de sacrifício.

Outro conto que trata do sentimento nacionalista é *A defesa* que traz a questão da defesa da cidade do Rio de Janeiro para assegurar a emancipação territorial e, também, para afirmação do sentimento patriótico. Para isso, Olavo Bilac usa de elementos que servem como exemplo para o leitor, pois nesse conto é abordada a história de uma investida de tropas francesas contra a cidade do Rio de Janeiro, onde o Governo não se decidia sobre que providências tomar diante da situação.

A cidade já parecia entregue às tropas francesas de Du Clerc, até que estudantes se organizaram e conseguiram frear a invasão:

A expedição francesa parou, atônita, olhando a falange dos moços estudantes. E, antes que Du Clerc desse o sinal do ataque, já eles o atacavam, de surpresa, arrojando-se irrefletidamente. Possuíam apenas uma ou outra espingarda. Por isso mesmo, apressaram o

ataque, que se fez à arma branca, com uma bravura louca a que os impelia o desespero. Os franceses mal puderam resistir ao primeiro choque. Aquela mocidade robusta e alucinada, a que o amor da Pátria dava forças sobre-humanas, combatia cega, delirante, sem cuidar de regras e leis de batalha. Os dois exércitos se misturaram; separaram-se de novo. Poucos minutos bastaram pra que, perdida a calma diante daquele assalto espantoso, vendo os seus caírem retalhados de golpes terríveis, a coluna de Du Clerc fugisse em debandada. (Bilac, 1931, p.33)

Com o artifício de trazer para o enredo do texto a figura de jovens estudantes na defesa do território de sua cidade, Olavo Bilac torna o público leitor do livro também o ser atuante na batalha, tendo em vista que o livro é dedicado aos estudantes jovens da República brasileira, trabalhando a virtude intelectual.

E, fazendo isso, ele desperta o interesse do leitor em defender a sua nação, tornando o leitor aprendiz detentor do sentimento de pertença aquele povo e ela por se sentir pertencente àquela sociedade cria em si um orgulho patriótico, um dever do bem servir, que não foge à luta, que não teme a derrota, que procura se perpetuar na história como aquele que, caso chegue a morrer, lutou em prol da maioria, da independência, da soberania, da cidadania, da dignidade, dos valores, e das liberdades fundamentais.

Percebeu-se que o autor usufrui da alegoria de jovens e crianças em seus textos de modo que essas personagens e seus feitos serviram de exemplo para a criança republicana brasileira, tornando o seu livro um instrumento de educação por meio do exemplo de vida de suas personagens.

Desse modo, Olavo Bilac enaltece o povo brasileiro configurando-se mais um meio de exaltação nacional e o enraizamento do amor à pátria dar-se-ia na configuração moral do cidadão, eis aí o alvo do projeto educativo bilaqueano.

Pois, segundo o próprio Olavo Bilac, num discurso feito aos alunos do Ginásio Granbery, em 1909 e que foi publicado com o título *Instrução e Patriotismo*, na 2ª. edição de suas *Conferências Literárias*, em 1912,

o verdadeiro patriotismo não é o amor dos negócios rendosos que no seio da pátria pode dar a riqueza e a independência; [...] não é também o embevecido êxtase, ingênuo e fútil, diante da beleza das suas paisagens, do esplendor do seu céu, da uberdade do seu solo. É sim, um amor elevado e austero, que reconhece os defeitos da pátria – não para amaldiçoá-los ou para rir deles, mas para perdoá-los, estudá-los e corrigi-los; é um amor que se enraíza mais no meio moral do que no meio físico, [...] (Bilac, 1996, p.693).

Com isso, pode se notar que Olavo Bilac dialoga com o pensamento conservador de se meditar a sociedade como uma corrente de coação e recebimento entre os mortos, os vivos e os nascituros, onde se procura conservar os bons feitos e se aprende com os erros reconhecendo-os e os corrigindo. Tanto é que ele coloca o conto *O Cabeça de Ferro* que exemplifica o pensamento.

Nesse conto existe uma carga de **historicidade**, visto que ele traz fatos da história mineira que mostram a desumanização por parte dos poderosos da época, situando o ano, o local e identifica a personagem que também pertenceu ao mundo real:

em 1782, era Intendente dos Diamantes José de Meirelles, homem cruel que conseguia ser ainda mais tirano do que os seus antecessores. O povo dava-lhe o nome de Cabeça de Ferro. Violento, fez pesar sobre Minas a sua maldade. Quem por esse tempo viajava pela região, que ficava sob o domínio do Cabeça de Ferro, via, de espaço a espaço, corpos no chão, varados de tiro de espingarda, cadáveres de enforcados oscilando nos galhos das árvores. Eram as vítimas do Intendente.

Mas não eram somente os suspeitos do crime de contrabando que sofriam o peso do seu ódio. Bastava ter pena do sofrimento dos pobres escravos para ser considerado cúmplice deles. A cadeia do arraial estava constantemente cheia de inocentes, cujo crime único era o ter dado um pedaço de pão a um trabalhador faminto. O Cabeça de Ferro era onipotente. Quem ousava contrariá-lo, se escapava da morte, era degredado para a África, e deixava a família na miséria, porque todos os seus bens eram confiscados para o Estado. E, quando o Intendente atravessava o povoado, arrogante, de sobrelenho cerrado, seguido da multidão de seus guardas armados, o terror corria as ruas. Portas e janelas fechavam-se. Nenhum olhar atrevia a fitar o olhar do orgulhoso Senhor, que tinha nas mãos o destino de todo o povo. (Bilac, 1931, p.13 - 14).

Aqui pode-se perceber que Bilac trata a questão da tirania dos Intendentes que se responsabilizavam pela extração de minério no “lugar em que assenta hoje a cidade de Diamantina” (Bilac, 1931, p.12), como exemplo historiográfico a não ser seguido pelas gerações vindouras.

E, no final do conto, ainda se percebe essa tirania sendo vencida pela autoridade que se tem presente na religiosidade através de um padre que por aquelas redondezas existia, onde o sacerdote confronta o *Cabeça de Ferro*:

esses dois homens — um, todo poderoso, temido, rico, arrumado, cercado de tropa, representando a autoridade despótica de El Rey— e o outro, fraco, pobre, sem armas, sem soldados, tendo apenas por

si a Verdade, — longamente se fitaram em silêncio. Foi o homem poderoso que cedeu.

[...]

Porque, quando o amor do Bem e da Verdade palpitam na voz humilde de um justo, essa voz, por si só, é bastante para iluminar e purificar a alma endurecida de um tirano... (Bilac, 1931, p.15)

Nesse conto, trata-se, pois, de um **nacionalismo** crítico em que se tornava necessário o conhecimento do país, com suas qualidades e defeitos, especialmente para se buscar solução para seus principais problemas.

Olavo Bilac também introduz a noção de **compaixão** nas suas narrativas de modo a fazer com que o leitor se sinta piedoso em fazer o bem a quem precisa. Nota-se isso em todos os contos do livro cuja temática é a escravidão ou a pobreza.

Mesmo o autor não indicando diretamente para o público leitor, que eles devem ter **compaixão**, ele usa um jogo de palavras na trama textual que nos indica, imediatamente, a olhar os desfavorecidos com bons olhos.

Pode-se citar como exemplo de **compaixão** e **piedade** o conto *O velho Rei*. Nele, observa-se a narrativa de uma história de um rei impiedoso e extremamente poderoso que se sentia Deus, pois “tanta gente via, a seus pés, adorando-o, que o seu coração se habituara a desprezar a humanidade, imaginando que ela só fora feita para o servir e temer” (Bilac, 1931, p.25).

Até que um dia presenciou o seu pequeno filho a salvar uma mosca de afogar-se em um aquário do seu castelo e o príncipezinho, mesmo inocente diante das atrocidades cometidas pelo seu pai, conseguiu, pelo simples gesto de salvar aquele ser asqueroso, humanizar as atitudes do rei que, naquele dia, não cometeu nenhuma atrocidade. Veja-se o trecho do conto:

O velho rei curvou-se para ver o que o filho trazia na mão. Era uma mosca feia, negra, pequenina, miserável, nojenta. Tinha as asas molhadas e não podia voar. O príncipezinho colocou-a na palma da mão microscópica, e virou-se para o lado do sol. Daí a pouco, a mosca reanimou-se, e voou. A criança batia palmas:

— Não fiz bem, pai? Não é um crime deixar morrer uma criatura qualquer, por falta de piedade, pai? Disseram-me que há homens que se matam uns aos outros... pai? Como é que se pode ter a maldade de matar um homem?

E o príncipezinho fixava no velho rei os seus olhos, azuis e inocentes como os de um anjo.

Nessa tarde, o velho rei não assinou nenhuma sentença de morte.

Esse conto confirma a postura bilaqueana na defesa das virtudes, principalmente pela **bondade** e **compaixão** da criança vencendo pela ingenuidade e grandeza da sua alma as atrocidades cometidas pelo seu pai modificando a conduta deste pelo seu exemplo, uma educação de baixo para cima.

Tomou-se, também, como exemplo de compaixão e bondade o conto *A borboleta negra*, que traz a questão da população negra e pobre do Brasil, assim como a religiosidade. Esse conto é palco da bondade e da compaixão das crianças em não terem em si mesmas a maldade do sentimento racista, grande problema a ser extinto do país.

Nele é mostrada a vida de duas crianças irmãs que, aos domingos, após irem à missa, gostavam de procurar borboletas num bosque próximo a sua casa, sempre acompanhadas do seu fiel escudeiro – Leão:

Amanhecer de domingo. Longe, repica o sino da capela, anunciando a segunda missa. Ainda não saiu o sol.

[...]

Mas, Henrique e Leonor já foram à primeira missa. As duas crianças agitam no ar os seus grandes sacos de caçar borboletas. Henrique, que é quem carrega a tiracolo a bolsa em que vai o pão da merenda, sabe de um lugar em que há flores de toda espécie. Fica para lá da igreja: é uma pequena clareira dentro do mato, atapetada de uma relva fresca. Aí, onde o sol entra livremente, as borboletas voam, todo o dia, sugando o mel das flores, vibrando as asas rutilantes, azuis, vermelhas, douradas. É para lá que vão os três. Leão trota na frente, pesado e enorme, sacudindo a grossa cauda negra. Às vezes, volta, vem lambe as mãos das crianças, e trota de novo, alegre, com a língua pendente e as orelhas abanando (Bilac, 1931, p.31).

Esse trecho vem representar um dos pilares pensados por Olavo Bilac para a nova conjuntura do país republicano que é a **religiosidade** cristã católica, pois como bem expõe o trecho, o compromisso das crianças antes da brincadeira é a ida à missa (culto pertencente à Igreja Católica), com isso, percebe-se também a **virtude** da **disciplina**, pois as crianças acabam sendo discipulas de si mesmas e perseverantes para alcançar a finalidade da ascensão de suas almas.

Verifica-se então que a instituição **religiosa** acaba colocando, mesmo que implicitamente, a noção de serem feitas primeiramente as obrigações para só depois vir o lazer, trazendo para o ser humano a busca pela **virtude** através do **autossacrifício**, no exercício de busca pelo ponto de equilíbrio entre os excessos e o dever.

Além disso, pode-se perceber nesse excerto uma marca irrefutável da escrita bilaqueana – a descrição com riqueza de detalhes, mesmo com uma linguagem mais simples, justamente por ser um livro feito para as crianças, que fazem surgir instantaneamente no imaginário do leitor todo aquele cenário.

Mais à frente, ainda nesse conto, as crianças - Henrique e Leonor - guiadas pelo seu cão de estimação, Leão, encontram um bebê negro, recém-nascido, na clareira onde iam procurar as borboletas. Isso, logicamente, explica o título do conto e esse ponto é bastante interessante, principalmente pelo grande preconceito da época em relação às pessoas negras; entretanto, Bilac vem justamente quebrar esse preconceito trazendo na figura das crianças a ideia de que todos são iguais, independente de cor e sem saber o motivo que a mãe daquele bebê o abandonara, levam, inocentemente, a criança recém nascida para casa e a apresenta para sua mãe:

Quando a mãe chega à varanda, para à porta, espantada. E Leonor, com a voz trêmula, pergunta:
 — Não é verdade, mamãe, que não podíamos deixar morrer de fome esta coitadinha? Que mãe malvada, mamãe! Que mãe malvada, que preta malvada a que abandonou assim esta filhinha! Não é verdade que mamãe também vai ser mãe dela?
 — É verdade, minha filha! — diz a mãe. — Foi Deus quem conduziu vocês... Fizeram bem! Fizeram bem! O pão da nossa pobreza há de chegar para mais um filho. (Bilac, 1931, p.33-34).

Aqui Bilac enfatiza a questão da **compaixão** e a vontade das crianças em fazer o bem, trazendo para seu texto ainda a **instituição familiar** que é um dos pilares da teoria conservadora assim como a **afetividade** entre as personagens, isso acarreta no leitor todos esses sentimentos de **bondade** e de **compaixão**. Assim, Bilac consegue, através do exemplo de suas personagens, formar primeiramente leitores **virtuosos** e, posteriormente ou conseqüentemente, uma nação **virtuosa** e **conservadora**.

E por falar em **família** e em exemplo, cita-se o conto *Mãe Maria*, onde Olavo Bilac traz a figura materna representada por uma escrava doméstica com idade avançada que servirá como modelo moral a ser seguido, pois ela carrega consigo o sentimento da **bondade** acima de qualquer coisa e tem uma enorme sabedoria, reafirmando o cunho **conservador** e **virtuoso** que se tem na obra infantil do autor:

A pele preta estava de espaço a espaço cortada de largos vergões, cicatrizes, sinais de queimaduras. Eu, com os meus inocentes olhos de seis anos, olhava aquilo sem compreender. “Como foi isso, mãe Maria?”. “Maldades dos homens, sinhozinho, maldades dos homens...”. Certa noite, como ela me contasse uma história em que se falava de crianças roubadas aos pais, perguntei: “Você nunca teve filho, mãe Maria?” A pobre negra limpou uma lágrima, e não respondeu: mudou de conversa, e continuou, com a sua meia língua atrapalhada, a contar a história, — uma dessas compridas histórias da roça, em que há saci-pererês e caiporas, almas do outro mundo e anjos do céu. (Bilac, 1931, p.3).

O seu nome não foi colocado em vão pelo autor, “Mãe Maria” tem relação direta com a mãe de Jesus – Maria, e como o ideal de Bilac era que a nação fosse fundada em quatro grandes pilares – **educação, formação moral, nacionalismo e religiosidade** – e essa religiosidade sendo a Católica Apostólica Romana, ele trouxe várias características pertencentes à mãe de Jesus para seu conto, como por exemplo, a **bondade, a sabedoria e desprendimento** das coisas terrenas.

Nota-se ainda que, em diversas passagens, a velha Mãe Maria cita algumas expressões que remetem à religiosidade católica, como por exemplo, quando o menino Amâncio vai estudar no colégio interno contra a sua vontade e a velha tenta consolá-lo: “— Vai, Nhô Amâncio! vai, meu filho! vai pra ser homem! vai, Nhô Amâncio! A sua negra velha *fica rezando a Nosso Senhor! a velha fica rezando!*” (Bilac, 1931, p.4).

Nesse conto, Bilac trata também da questão da inocência da criança, como na passagem em que Amâncio relata um fato que ocorreu na sua infância quando estava ingenuamente ateando pedras e uma delas, sem querer, atingiu a cabeça da velha e só depois foi entender que estava praticando uma maldade. E mesmo com essa atitude de Amâncio, Mãe Maria o perdoad e o defende dos possíveis castigos do pai do menino:

‘Não grita, Nhô Amâncio! não grita! não foi nada! não grita, que Sinhô ouve!’

Mas eu gritava. Todo o antigo afeto esquecido renascia ali, diante da minha velha mãe Maria, toda banhada em sangue, ferida por mim. Toda a casa acudira aos meus gritos. Vi junto de nós meu pai, a prima, as escravas. Então tive medo do castigo...

Mas a velha negra já tinha um sorriso nos lábios. E, olhando meu pai, que indagava a causa daquilo, dizia: ‘Não foi nada, Sinhô, não foi nada! A negra velha escorregou no sabão, e quebrou a cabeça nas pedras. Mas Nhô Amâncio acudiu logo. Não foi nada, Sinhô não foi nada!’ (Bilac, 1931, p.6).

Traz ainda a realidade da criança no colégio interno, que saía de casa muito cedo para estudar longe da família e volta ainda na adolescência para casa com o dever de tomar conta dos negócios da família e, assim, um “homem feito”. Veja-se um trecho:

Daí a um ano, quando de novo voltei do colégio, ainda abracei mãe Maria. Vi-a e abracei-a ainda, pelo Natal, dois anos seguidos. Depois... morto meu pai, morta minha mãe, vendidos todos os escravos da casa, — nunca tive quem me dissesse onde foi dormir o seu último sono a minha velha mãe Maria, alquebrada por quase um século de cativo e trabalho. (Bilac, 1931, p.7)

No trecho supracitado, percebe-se ainda que o conto contempla também o assunto do mercado escravocrata, do qual nem mesmo os escravos domésticos, de dentro do convívio familiar, escapavam. E não seria diferente com Mãe Maria que foi vendida depois que a criança foi estudar no internato.

É mesmo sendo um texto de caráter ficcional, observa-se o caráter histórico da escravidão brasileira sendo tratado de forma repudiosa pelo autor. Reforçando, assim, a ideia **conservadora** de se aprender com os erros do passado, a fim de que a história não se repita.

E, quando se falou em colégio interno, lembrou-se também de outro conto, a saber, *Um homem*. Nesse conto, Olavo Bilac discute vida adulta precoce de uma criança que saiu do seio familiar para estudar em uma escola interna, onde enfrenta a solidão, a saudade da família, e adquire a virtude da disciplina para enfrentar suas aflições.

Vê-se obrigada a voltar para casa ainda muito jovem, para assumir o papel do “homem” da família, depois que seu pai falece. E, no instante em que descobre a morte do pai, automaticamente põe-se como o ser responsável pela família.

Ainda sobre a disciplina cabe, agora, direcionar o olhar para o conto *O bandeirante*, onde tem-se como personagem principal a figura de Fernão Dias Paes Leme, importante colaborador para o desbravamento de grande parte das terras dos sertões de Minas Gerais.

Esse conto, tem um caráter **historiográfico**, devido ter em seu enredo fatos que existiram na realidade. Bilac situa o leitor no ano dos acontecimentos e Fernão realmente existiu, veja-se o trecho que prova isso: “quando, em 1664, Fernão Dias

Paes Leme se embrenhou nos sertões de Minas, raros homens civilizados haviam pisado essas regiões quase de todo desconhecidas” (Bilac, 1931, p.38).

Portanto, o conto vem tratar da história de vida do bandeirante Fernão Dias Paes Leme, que foi símbolo de coragem, disciplina e perseverança para os seus seguidores, conduta que mais tarde beneficiaria o coletivo. Pois, aos oitenta anos, formulou sua expedição para os sertões de Minas Gerais, onde, na época, era um local extremamente distante da civilização e ele, com sua tropa, foram quem levaram o progresso aquele lugar tão longínquo, e com grandes perigos a serem enfrentados, tudo isso porque

sonhava possuir as grandes riquezas acumuladas naquelas zonas longínquas. Passavam-lhe por diante dos olhos, quando a febre da ambição o alucinava, rios de pedras preciosas, rolando, rolando, com um brilho que cegava. Já e via senhor de montanhas de pedras verdes... E essa ambição o alimentava, abrasando-lhe o sangue, dando-lhe aos músculos um novo vigor e ao coração uma nova mocidade (Bilac, 1931, p.38).

Entretanto, nunca conseguiu as tão sonhadas esmeraldas, conseguiu coisas muito maiores que foi levar a civilização e o desenvolvimento às terras pouco desabitadas da região central do Brasil, levando a criação de pelo menos oito cidades bem desenvolvidas no território onde explorou.

Abre-se espaço, nesse instante, para o último conto a ser estudado e também é o último conto do livro *Contos Pátrio*, a saber *A civilização*, nele, Olavo Bilac trata dos benefícios que se tem com o advento da civilização, de forma didática, pois coloca o assunto como sendo um diálogo entre pai e filho, onde a criança está lendo um livro em sua casa e encontra uma palavra diferente – civilização – e pergunta ao pai o que significa aquela palavra.

Então o pai explica-lhe, detalhadamente, o que é a civilização apresentando-lhe todos os seus benefícios, de forma delicada que não feriu de modo algum a dignidade dos povos não civilizados, pois ele colocou a questão como sendo a civilização uma forma de evolução dos povos, que traz diversos benefícios, tais como as estradas, as cidades, um nível maior de desenvolvimento humano e a escola. Eis um trecho da explicação do pai ao filho:

— A civilização, que é a difusão das riquezas materiais, intelectuais e morais, não pode nunca, sem um longo trabalho de reforma paciente,

tomar conta de um país. Para que um povo tenha civilização, é necessário que o moroso passar dos séculos vá aperfeiçoando o caráter desse povo. Assim se a terra brasileira é hoje próspera e forte, foi necessário para isso o esforço coletivo e anônimo das gerações que se tem sucedido. Tu, que nasceste em plena civilização, gozando os benefícios que o trabalho dos teus antepassados preparou, concentra o teu espírito, e, contemplando o presente e lembrando o passado, compara-os, admirando o que foi esse lento progresso. Lembra-te, primeiro, da antiga bruteza deste solo: as selvas espessas e impenetráveis sucediam-se, como enormes muralhas; os rios, largos e acachoeirados, opunham novas barreiras ao passo humano; toda a natureza se mostrava concertada para repelir outros habitantes que não fossem os que ela já possuía, rudes e selvagens como ela. Esses viviam vagando, sem pouso certo, em constantes guerras; quando entravam na vida sedentária, a sua habitação era um agrupamento informe de ocas de barro e madeira tosca, cercadas de trincheiras de espiques de palmeiras (Bilac, 1931, p.70).

Aqui, vê-se os benefícios trazidos pelo advento da civilidade e, também, um apelo do pai ao filho e, conseqüentemente, ao leitor para que eles, contemplando as benesses do presente, reconheçam o legado deixado pelos antepassados e procurem conservá-los e multiplicá-los através do progresso civilizatório. Pois assim como afirma Bilac (1931, p.72),

O progresso humano é incessante e infundável. O trabalho do homem não para. No meio das imperfeições e das injustiças que ainda há nas sociedades civilizadas, esse trabalho é a garantia de um futuro cada vez melhor. O esforço coletivo, animado pelo amor e pela bondade, há de um dia nivelar todos os homens, e há de assentar no seio do planeta que habitamos a felicidade completa! Tu, que amas a terra em que nasceste, aprende, reconhecendo o valor do que os teus avós já fizeram, a sacrificar o teu próprio bem ao bem comum, para que os teus filhos e os teus netos possam abençoar a tua memória, como abençoa a memória dos que te deram a civilização!

Sendo assim, com esse último excerto da obra *Contos Pátrios* Bilac resume a sua pretensão para com a obra que é formar uma nação que prezasse pela bondade e pelo esforço coletivo em prol de um futuro melhor. Reafirmando a teoria conservadora e a vontade de se ter uma nação virtuosa baseada nos princípios de bondade, afetividade, compaixão, autossacrifício em prol de um bem comum, da família e o sentimento de sociedade entendida como corrente de doação e recebimento.

Deve-se lembrar que toda a obra é pontuada por características conservadoras e virtuosas, não existindo contos que falem exclusivamente de um

tema específico, o que pode haver é uma tendência maior em alguns contos a determinados temas ou pilares pensados por Olavo Bilac para a formação do homem republicano.

Portanto, pretendeu-se mostrar através desses contos, que Olavo Bilac trouxe o projeto que tinha de uma nação constituída por pessoas **virtuosas** e **conservadoras** dos bons costumes, que sempre tinham algo bom para oferecer ao país. Influenciando assim seus leitores a seguirem o mesmo caminho honroso das personagens, que têm como virtudes a bondade, a sabedoria e a coragem, permitindo que a sociedade se mantivesse unida e vencendo todas as adversidades que viessem a aparecer.

Como ele próprio disse, em um de seus discursos “o fim da educação não é preparar eruditos frios, nem sábios secos, nem ideólogos impassíveis, indiferentes às lutas sociais: é preparar homens de pensamento e ação” (Bilac 1996, p. 683). E, com essas qualidades, Bilac ajudaria a construir um país republicano altamente desenvolvido tanto intelectualmente como consequentemente economicamente.

Considerações finais

Mediante a análise do *corpus*, buscou-se estabelecer uma conexão entre a teoria conservadora, a contribuição de Olavo Bilac em *Contos Pátrios* e a noção de virtude que se tem no ocidente, frisando questões como família, religião, militarismo, solidariedade, compaixão, fronteiras e vínculos afetivos, isso para se conseguir a formação de uma nação forte e bem-sucedida.

Foi por meio do mapa conceitual elaborado que se pôde chegar ao objeto de análise desse artigo, uma vez que apontou os eixos temáticos principais da obra. Através do mapa, foi possível categorizar cada conto em um dos eixos, dividir os subtemas e, assim, realizar uma análise mais didática da obra, localizando a linha educativa que atravessa cada conto e revela o projeto educativo de Olavo Bilac.

Levou-se em consideração a biografia do autor, enfocando principalmente na sua vertente nacionalista patriótica, que foi a vertente encontrado na obra literária, assim como o caráter parnasiano de Olavo Bilac, que dá um brilhantismo a mais a sua obra, tendo em vista a riqueza de detalhes e de palavras empregadas em seus textos, no caso dessa pesquisa em seus contos.

E subsidiando-se no tema do conservadorismo, abordado no primeiro tópico teórico, e no tema das virtudes, assunto abordado no segundo tópico de embasamento teórico, foi que se conseguiu fazer um recorte nos contos da obra estudada para assim serem analisados mais a fundo no tópico dedicado as análises – confronto da obra literária com as teorias.

Pois, nesses contos selecionados, observou-se uma carga maior do pensamento conservador e da ideia de virtude que se tem no ocidente, abrindo possibilidade de se estudar um tema pouco pesquisado na área dos estudos literários, mas de importância fundamental para a sistematização do pensamento do autor.

Desse modo, constatou-se, então, que Olavo Bilac construiu com um ideal sólido para o sucesso dessa nação, educando por meio dos seus contos e, principalmente, através de suas personagens exemplares de virtuosidade e que também possuem princípios conservadores, o seu público leitor – nesse caso as crianças republicanas.

Referências

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco ; Poética**. Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha. 4. ed. São Paulo : Nova Cultural, 1991.

BENNETT, William J. **O livro das virtudes II: o compasso moral: uma antologia**. Trad. Ricardo Silveira, Ângela Lobo de Andrade, Aline Lobo de Andrade; seleção de textos brasileiros Ana Maria Machado. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

BILAC, Olavo Brás Martins dos Guimarães e COELHO NETO, Henrique Maximiano. **Contos Pátrios**. Disponível em: <http://www.bibliologista.com/2016/05/contos-patrios-de-olavo-bilac-e-coelho.html> . Acesso em 23 set. 2018.

BILAC, Olavo Brás Martins dos Guimarães. **A Defesa Nacional (Discursos)**. Disponível em: <https://sanderley.com/PDF/Olavo-Bilac/Olavo-Bilac-A-Defesa-Nacional.pdf>. Acesso em 29 mai. 2019.

BILAC, Olavo Brás Martins dos Guimarães. **Obra reunida**. Org. Alexei Bueno. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996.

BÍBLIA SAGRADA. ed. Pastoral. Brasília: Paulus, 1990.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 50. ed. São Paulo: Cultrix, 2015.

BURKE, Edmund. **Reflexões sobre a Revolução na França**. Trad. José Miguel Nanni Soares. 1. ed. São Paulo : Edipro, 2014.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio: o dicionário da língua portuguesa**. 4.ed. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2001.

HANSEN, Patrícia Santos. **Brasil, um país novo: Literatura cívico-pedagógica e a construção de um ideal de infância brasileira na Primeira República**.

Universidade de São Paulo – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Tese de Doutorado. São Paulo, 2007, 253fls.

_____. **Olavo Bilac, ideólogo do nacionalismo brasileiro**. Programa de Apoio ao Pós-Doutorado no Estado do Rio de Janeiro da CAPES/FAPERJ. Relatório. Rio de Janeiro, 2011.

LOCKE, John. **Dois Tratados sobre o Governo**. Trad. Júlio Fisher. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

SCRUTON, Roger. **Como ser um conservador**. Trad. Guilherme Ferreira Araújo. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2015a.

_____. **O que é Conservadorismo**. Trad. Bruno Garschagen; Márcia Xavier de Brito. 1. ed. São Paulo: Realizações, 2015b.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS
Rua Cícero Duarte Nº 905. Bairro Junco CEP 64600-000 - Picos- Piauí
Fone: (89) 3422 2032

ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA DE FINAL DE CURSO

Às 15:30 horas do dia 07 de junho do ano de dois mil e dezenove, na sala 833, do Curso de Letras, na Universidade Federal do Piauí, no *Campus* Senador Helvídio Nunes de Barros, cidade de Picos – PI, sob a presidência da **Profª.Drª Cristiane Feitosa Pinheiro**, reuniu-se a banca examinadora de defesa de monografia de autoria da aluna **Francisca Ayanne Alves Marinheiro** do curso de Letras desta Universidade com o título, **Contos conservadores, virtuosos e pátrios: Uma visão sobre a contribuição de Olavo Bilac em *Contos Pátrios* em prol da educação republicana Brasileira**. A Banca Examinadora ficou assim constituída: **Profª Drª Cristiane Feitosa Pinheiro (orientador –presidente)**, **Prof.Dr Welbert Feitosa Pinheiro (1º examinador)** e **Profª Me. Fernanda Martins Luz (2º examinador)**. Foram registradas as seguintes ocorrências: **após a apresentação do aluno pelo Presidente da banca, ocorreu a apresentação da monografia, seguido de questionamentos pelos membros da banca; finalizando,** — x —. Concluída a defesa, procedeu-se o julgamento pelos membros da banca examinadora, em reunião fechada, tendo o aluno obtido às seguintes notas: 10,0 ; 9,7 e 9,6 . Apuradas as notas verificou-se que o aluno foi aprovado com média geral 9,7 . E para constar, eu, Cristiane Feitosa Pinheiro, lavrei a presente ata que, após lida e aprovada pelos membros da banca examinadora, será assinada por todos. Picos, 07 de junho de 2019.

Assinatura dos membros da Banca Examinadora.

Cristiane Feitosa Pinheiro
Presidente

Welbert Feitosa Pinheiro
1º examinador

Fernanda Martins Luz Barros
2º examinador



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA
"JOSÉ ALBANO DE MACEDO"**

Identificação do Tipo de Documento

- () Tese
() Dissertação
() Monografia
(X) Artigo

Eu, Francisca Dyanne Alves Maranhão,
autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de
02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar,
gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação
Contos conservadores, virtuosos e pósticos: Uma vi
são sobre a contribuição de Alvaro Bilac em prol da educação
republicana Brasileira.
de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título
de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 07 de junho de 2019.

Francisca Dyanne Alves Maranhão

Assinatura

Cristiane Leitner Pinheiro (orientadora)

Assinatura